

*Sarney, José*

*IP*  
JOSE SARNEY

O mundo que vivemos é um mundo transformado e em transformação. É o fim de uma etapa e começo de uma nova era. Já é o início da busca de um mundo só, com o advento das políticas transpcionais e os problemas da humanidade. A cada dia vamos tendo a consciência clara que vivemos num pequeno planeta, onde a aventura da vida, a presença do homem racional, senhor do tempo e do espaço, tornou-o diferente e impõe a certeza de que estamos condenados a uma civilização que passa pelas tendências atuais de regionalização e globalização. E marcha inexorável, uma etapa da humanidade. Somos interdependentes e cada vez mais impossibilitados de viver isolados, quer como países, continentes, raças ou religiões.

Uma das crises, talvez a maior de todas, é a perda da visão mundial

# Reaprender a sonhar

o GLOBO

9 DEZ 1989

do Brasil. Vivemos isolados, mergulhados em nossos problemas, alheios ao que se passa no mundo. As agruras do Governo Collor, infelizmente, fizeram aumentar nosso isolamento. Não soubemos aproveitar e não ocupamos nenhum lugar nas mudanças advindas com a Queda do Muro de Berlim, que ficou como símbolo, como a Queda da Bastilha. Perdemos nossos interlocutores com o Primeiro Mundo e destruimos, em grande parte, aquilo que vínhamos construindo, a integração latino-americana e a articulação com países do nosso porte, como China, Índia, México. A Argentina, com grande agilidade, soube brilhantemente tirar consequências dos novos tempos. O Chile transformou-se num enclave de prosperidade no Continente. O México deslanchou. Há um vento de mudanças que varre as Américas. O Brasil tende a ficar marginalizado e descompassado, mergulhado na recessão econômica e na depressão política. É com certo calafrio que leio as

profecias de Herman Kahn que dizia que "no ano 2000, o Brasil será uma potência de quinta classe, superado pelo Peru, Cuba e Panamá, e se transformará num segundo Vietnã, a partir das guerrilhas no Nordeste". Graças a Deus, ele não foi bom profeta. Nada do que previu aconteceu.

Mas não podemos esquecer, na crise brasileira, nossa perda da perspectiva mundial, do nosso destino planetário. Somos o último país de grande extensão territorial a ocupar um lugar de poder. Eu penso que o mundo viveu os anos da Europa, vive os anos da Ásia e vai viver os anos da América do Sul e, nesse momento, como ninguém pode falar do Oriente sem falar da China, não pode falar do nosso continente sem a presença de um grande Brasil.

Stephan Zweig falou em Brasil, país do futuro. Hoje, isto soa como uma certa ironia. O bonde da História vai passando e nós ficamos na janela. Nossa tarefa, nestes últimos anos, tem sido a de enterrar os nos-

sos próprios sonhos. Criou-se uma cultura da catástrofe e dela nos reabilitamos, num efeito bumerange.

Para onde vamos? Eu acredito, mesmo sem olhar o fim do túnel, que ele está perto. O Brasil não foi criado para viver sem um grande destino. O nosso povo tem esse sentimento. E preciso sair desse círculo de ferro dos nossos desencantos e encontrar forças para ressurgir das dificuldades. Precisamos urgentemente de reconstruir nossas esperanças. Voltar a ter a visão de um Brasil dentro do mundo e no compasso das transformações. Construir nossas pontes com uma parceria internacional que nos falta. Por fim, é preciso sonhar. Reaprender a sonhar e, se possível, colocar neste sonho uma gota de poesia. Nenhum tempo melhor para pensar nestas coisas do que a proximidade do Natal e as renovações de vida e esperança que renovam a cada novo ano.

José Sarney é senador pelo Amapá.